

A QUINTA MAGNÓLIA

Esta quinta, também chamada Quinta da Magnólia, deve ter sido, inicialmente, propriedade do cidadão americano *John Howard March* (provavelmente até meados do séc. XIX), o qual durante muitos anos viveu na Madeira e que, segunda reza o “Elucidário Madeirense”, teve acção benemérita na Ilha, além da actividade comercial e política, tendo sido também cônsul americano. Provavelmente foi ele que mandou construir a casa.

O Dr. *Herbert Watney* (de que o “Elucidário Madeirense” não fala) residiu, segundo Dr. M. GRABHAM, na Madeira, na Quinta Magnólia, durante cerca de 40 anos, e foi ele que reuniu aí um número significativo de plantas, incluindo colecções de palmeiras, cicas e cactos (1890-1908-1931).

O filho do dr. Herbert, Martin, que era médico, vendeu em 1931 (?) ao British Country Club esta quinta.

A propriedade tem uma área total de 33.200m², aproximadamente, e confronta a N. com o Caminho da Casa Branca e o Ribeiro Seco, a S. com o Hotel Quinta do Sol, a nascente com o Ribeiro Seco e a poente com a Rua Dr. Pitta.

Hoje, pertence ao Governo Regional (desde 1983) que nela realizou obras de beneficiação e melhoramentos vários, logo depois de a ter adquirido ao seu anterior proprietário, o British Country Club.

A Quinta está aberta ao público, que além de poder apreciar toda a parte vegetacional, tem à sua disposição uma piscina, campos de ténis e recintos para squash.

Na parte urbana da Quinta Magnólia, encontra-se a Biblioteca de Culturas Estrangeiras (DRAC), Serviços da Escola de Hotelaria e Turismo e aí tem, também, dependências o Serviço Regional de Protecção Civil.

*

Rodeando a casa, desenvolve-se um Parque bastante diversificado e alguns relvados e, na encosta declivosa do Ribeiro Seco, há uma mata densa de muitas espécies de árvores também aí plantadas há muitos anos.

Em toda a Quinta, sobressaem muitas palmeiras e árvores decorativas, algumas centenárias.

O número de espécies diferentes de palmeiras que era muito significativo, há uns anos atrás (não tanto como as mais de 50 que foram identificadas na já desaparecida Quinta do Deão), foi bastante reduzido, sobretudo quando da construção da piscina. No entanto, isoladamente ou em grupos, ainda há muitas espécies de palmeiras, essas magestosas e bonitas plantas que tão bem

ornamentam os nossos jardins, parques, praças, avenidas, estradas ou até o interior das nossas casas.

As palmeiras apareceram na Terra há cerca de 85 milhões de anos, de acordo com dados de que se dispõe sobre fósseis até hoje encontrados e identificados. Desta família de plantas, conhece-se cerca de 2800 espécies, agrupadas em 200 géneros. Distribuem-se, no estado silvestre, por todo o Mundo, praticamente entre os paralelos de 40 °N e 40 °S, mas encontram-se cultivadas ainda acima e abaixo dessas latitudes. São aproveitadas em muitos países para diferentes fins, desde a alimentação à construção civil ou naval, desde o artesanato à indústria, seja esta têxtil, seja sacarina ou alcoólica, seja oleaginosa ou medicinal. Na Europa, o maior aproveitamento das palmeiras é na ornamentação, quer como elemento importante de parques, jardins, praças e arruamentos, quer na decoração de interiores.

Na Madeira, desde há muitos anos se cultivam palmeiras. Gaspar Frutuoso (1590) já fala de palmeiras existentes no Convento de S. Francisco, mas não se sabe quais seriam as espécies a que aquele cronista se referia, embora pensemos tratar-se da tamareira ou, menos provavelmente, na palmeira-das-canárias.

Nos últimos anos, tem havido na Ilha uma grande importação de diferentes espécies de palmeiras para embelezamento de jardins, logradouros diversos e interiores de unidades hoteleiras e moradias.

Na Quinta Magnólia, a representação de palmeiras está materializada pelas seguintes 31 espécies, dispostas por ordem alfabética dos seus binomes:

Archontophoenix cunninghamiana (palmeira-elegante), da Austrália;

Areca aliceae (areca), da Austrália;

Areca grandiformis (areca), da Ásia;

Areca triandra (areca), da Índia e Malásia;

Attalea funifera, ou *Orbignya*(?), do Brasil;

Attalea gomphococca, ou *Orbignya* (?), da Costa Rica;

Butia capitata (palmeira-cinzenta), da América do Sul;

Brahea armata (palmeira-azul), da Califórnia (U.S.A.);

Caryota mitis (palmeira-de-rabo-de-peixe), da Índia à Indonésia e Filipinas;

Chamaedorea pochutlensis (palmeira-bambú), do México;

Chamaerops humilis (palmeira-das-vasouras), da Reg. Mediterrânica;

Chambeyronia macrocarpa (palmeira-rubra), da Nova Caledónia;

Chrysalidocarpus lutescens (palmeira-dourada), de Madagáscar;

Howea belmoreana (quência), da Ilha de Lord Howe;

Howea forsteriana (quência), da Ilha de Lord Howe;

Jubaea chilensis (palmeira-garrafa), do Chile;

Livistona australis (palmeira-de-leque), da Austrália;
Livistona chinensis (palmeira-de-leque ou das-azeitonas), da China;
Livistona rotundifolia (palmeira-de-leque), da Indonésia e Malásia;
Phoenix canariensis (palmeira-das-canárias), do arquipélago das Canárias;
Phoenix reclinata (palmeira-reclinada ou do Senegal), da Áfr. Tropical e Madagascar;
Phoenix roebelenii (palmeira-anã), da Índia à China;
Rhapis excelsa (palmeira-de-senhora ou das-bengalas), da China (S.);
Rhopalostylis baueri, da ilha Norfolk;
Sabal palmetto (palmeira-de-leque), do SE. dos USA;
Syagrus romanzoffiana (coqueiro-de-jardim), do Brasil;
Thrinax argentea, hoje *Coccothrinax argentea* (palmeira-prateada), das Índias Ocidentais;
Trachycarpus fortunei (palmeira-da-crina), da China;
Wallichia densiflora, dos Himalaias e de Assão;
Washingtonia filifera (palmeira-dos-fiapos), do SW. dos USA ao NW. do México; e
Washingtonia robusta (palmeira-de-leque), do México.

Além das palmeiras, muitas outras espécies de plantas vivem na Quinta Magnólia e, embora aquelas mereçam uma referência de maior vulto, não podemos deixar de destacar as seguintes árvores, ao acaso, algumas das quais muitíssimo raras na Madeira:

Enterolobium cyclocarpum (?), - árvore gigantesca, da América tropical, muito rara na Madeira, de folhagem muito recortada como a das mimosas e curioso frutos (vagens), recurvados, em espiral;

Pandanus utilis, - curiosa árvore de Madagascar, parecida à primeira vista, com o dragoeiro, mas de folhas espinhosas e frutos como pinhas grandes e globosas;

Kigelia africana, - vulgarizada com o nome de árvore-das-salsichas, por causa dos seus frutos mais ou menos compridos e cilíndricos, é espécie da África tropical, com grandes flores, vermelho-acastanhadas em longas e pendentes inflorescência, utilizada em jardins e parques;

Cupressus funebris, - da China, é um “cedro” muito pouco frequente mas interessante pelos seus ramos pendentes e raminhos achatados;

Cupressus lusitanica, - do México e da Guatemala, é muito cultivado na Madeira, onde lhe chamam cedro-das-barracas ou cedro-de-goá, utilizado em

logradouros para, muitas vezes, servir de abrigo e, também, como árvore florestal ou apenas ornamental, adquirindo, nalguns casos, grande porte, como aqui na Quinta Magnólia, onde um, entre muitos exemplares, apresenta um diâmetro de tronco superior a 1,80 m;

Cinnamomum camphora, - a canforeira, da China e do Japão, muito cultivada nas quintas madeirenses, é aqui representada por vários exemplares muito robustos e frondosos, provavelmente centenários;

Olea europaea, - oliveira brava ou zambujeiro, da Região Mediterrânica, rara na Ilha, um velho e grande exemplar de copa densa e folhagem verde-acinzentada;

Apollonias barbujana, - o barbusano, da Macaronésia, um bom exemplar dum espécie frequentemente utilizada nas quintas madeirenses;

Casuarina equisetifolia, - uma espécie australiana que se assemelha aos pinheiros e que, embora, pouco atraente é, por vezes, cultivada em parques e jardins, talvez pela sua rusticidade e resistência aos ventos;

Chamaecyparis obtusa var. *aurea*, - é um cedro amarelado, nativo do Japão, muito decorativo e de dimensões médias a pequenas, com folhagem miúda e muito densa;

Pittosporum undulatum, - o incenseiro ou árvore-do-incenso, muito vulgarizado nas quintas e jardins madeirenses, pela sua rusticidade e bonita floração branco-creme, muito perfumada, é espécie australiana, hoje naturalizada em certas áreas montanhosas da Ilha;

Jacaranda mimosifolia, - o jacarandá, nativo do Brasil, é árvore decorativa de muito interesse nos parques madeirenses, sendo muito frequente na Ilha, até como árvore de arruamento;

Chorisia speciosa, - a sumaúma, do Brasil e da Argentina, é árvore de bela floração rosada e curiosos frutos que se assemelham a abacates;

Magnolia grandiflora, - conhecida vulgarmente por magnólia, é uma magnífica árvore de ornamento, nativa da América do Norte, de grande e bela folhagem verde-escura, brilhante, de grandes flores brancas e curiosos frutos e sementes, muito comum na Madeira e quase sempre presente nas quintas da Ilha;

Schotia brachypetala, - é pequena mas bonita árvore de floração vermelha, muito carregada (flores que nascem sobretudo nos ramos mais velhos), de folhagem também interessante, sobretudo na rebentação, com os seus tons acobreados; é originária do SE. africano, desde o Zimbabué ao Natal;

Pimenta acris, - pequena árvore da América Central e das Índias Ocidentais, a que chamam árvore-do-cravinho, de tronco e ramos esbranquiçados,

folhas grandes, coriáceas, verde-escuras e brilhantes, aromáticas e flores muito pequenas, brancas, em cachos, raríssima na Ilha;

Erythrina crista-galli, - a coralina, pequena árvore do Brasil, espinhosa, de folhagem caduca e flores vermelhas, atraentes, em longas inflorescências;

Dombeya wallichii, - árvore-dos-novelos, pequena árvore de Madagascar, de folhas largas, cordiformes, aveludadas e flores rosadas em inflorescências densas, arredondadas, como as dos novelos, pendentes, em longos pedúnculos;

Agathis brownii, - é o pinheiro-alegra-campo ou pinheiro-da-damara, de grandes folhas persistentes, oval-lanceoladas, tronco muito direito e pinhas grandes; é espécie australiana, comum na Madeira, em parques e como árvore de arruamento;

Araucaria bidwillii, - uma araucária, espinhosa, grande árvore australiana, de folhas picantes e enormes frutos (pinhas).

Há ainda outras árvores mais jovens, mais vulgarizadas ou menos atraentes, dispersas pela Quinta, como araucárias comuns (*A. heterophylla*), ligustros (*Ligustrum lucidum*), chamas-da-floresta (*Spathodea campanulata*), sementeiras (*Celtis australis*), pimenteira-bastarda (*Schinus molle*), sequoias (*Sequoia sempervirens*), eucaliptos (*Eucalyptus globulus*), *Cedrus*, dragoeiros (*Dracaena draco*), mangueiras (*Mangifera indica*) e marcâmias (*Markhamia platycalyx*).

*

Um grupo de plantas que merece destaque, para além das palmeiras e das árvores decorativas, é o das cicas.

Na Quinta Magnólia, encontram-se muitas espécies destas curiosas e elegantes plantas arbustivas, talvez das mais antigas na Ilha. Exemplares soberbos de *Cycas circinalis* (das Índias Orientais) e de *Encephalartos* (da África do Sul, de folhagem verde-escura ou cinzento-azulada), vêem-se aqui e acolá. Mas há também *Cycas revoluta* (de Java, a mais vulgar na Madeira), *Dioon edule* (da África do Sul) e ainda outras.

*

Vêem-se, ainda, moitas de bambús (*Bambusa vulgaris*) e alguns arbustos e plantas herbáceas vivazes que devem referir-se por serem bonitas plantas decorativas: a estrelícia-gigante (*Strelitzia nicolai*); a *Ravenala madagascariensis*, conhecida como a palmeira-do-viajante; a *Nolina recurvata*, ou pata-de-elefante; o raríssimo dasilírio (*Dasyilirion acrotrichum*), do México; a romãzeira (*Punica granatum*); as dracenas (*Dracaena* e *Cordyline*); a erva-dos-pampas (*Cortaderia*

argentea); as agaves (*Agave*, *Furcraea*); os aloés (*Aloe arborescens* e outros); a ocna (*Ochna serrulata*); as conteiras ou bananeiras-de-flor (*Canna*); as *Moraea*; os castanheiros-de-folha (*Acalypha*); a *Muehlenbeckia platyclada*; os fetos-arbóreos (*Cyathea cooperi*) etc.

*

A maior parte dos relvados construídos na Quinta Magnólia é com utilização duma erva naturalizada na Madeira, o *Paspalum dilatatum*, uma gramínea sul-americana, conhecida por erva-rija ou erva-do-governo, o que é caso raro. (Na Madeira, a planta mais usada nos relvados é o *Stenotaphrum secundatum*, conhecida por grama-americana, utilizando-se, nos últimos anos, também, frequentemente, a grama *Cynodon dactylon*).